

LIVRO DIDÁTICO DE ALFABETIZAÇÃO NA EJA: UM OLHAR DIFERENCIADO

Viviane de Almeida Silva, graduanda em pedagogia - UEPB
Thaís Raquel Cabral de França, graduanda em pedagogia - UEPB
Crisostomo Antônio dos Santos, graduando em pedagogia - UEPB
Zelia Maria de Arruda Santiago, professora do DE/UEPB

RESUMO

Este artigo apresenta uma discussão sobre as tipologias de exercícios de compreensão textual contidos no livro didático de alfabetização da EJA, verificando sua contribuição no desenvolvimento das potencialidades cognitivas e psicossociais de jovens e adultos. No livro observado verificou-se a sua validade prescrita no PNL, a sua contextualização didático-metodológica (autores, conteúdos, metodologia, avaliação), ressaltando as atividades de compreensão textual baseada no conteúdo temático “De volta a infância”, atentando para a sua tematização com a realidade social dos alunos (as) da EJA e, por meio dos exercícios (FREIRE, 1996; MARCHUSCI, 2001). Este trabalho resulta de uma pesquisa bibliográfica realizada em sala, por meio do Componente Curricular Educação de Jovens e Adultos (EJA), realizada pela Profa. Dra. Zelia Maria de Arruda Santiago (DE/UEPB). Com este trabalho, entende-se que o LD de alfabetização da EJA se distancia das propostas de alfabetização ventiladas pelo educador Paulo Freire.

Palavras-chave: EJA. Livro didático. Exercícios. Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A História apresenta que a Educação de Jovens e Adultos-EJA não é recente no Brasil, sua discussão remonta ao período colonial com os jesuítas alfabetizando de maneira catequética e, também, com a finalidade comercial. Desde então muitos avanços e regressos são percebidos quando se trata da alfabetização de jovens e adultos em espaços educacionais formais e informais. Através de pensadores da escola novista, percebemos a necessidade de o Estado assumir a responsabilidade de instituir a Educação de Jovens e Adultos, diante das demandas da preparação de mão de obra para o trabalho, bem como da formação continuada.

A alfabetização para jovens e adultos analfabetos surge não mais como necessidade de pessoas alfabetizadas para compor o quadro operário das indústrias implantadas no Brasil, mas devido à crescente aceleração pós industrialização.

No contexto social brasileiro dos anos 60 “[...] a política educacional relacionava-se à necessidade de qualificação mínima da força de trabalho, ao bom desempenho dos projetos nacionais de desenvolvimento propostos pelo governo com base no modelo urbano-industrial”. (2003/2006, p.17), cuja perspectiva atualmente ultrapassa esta realidade. De uma



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

educação profissionalizante para atender o mercado de trabalho a base da alfabetização, hoje a formação continuada exige do sujeito uma preparação para o convívio social e um maior engajamento nas práticas sociais da leitura e da escrita como leitores e escritores crítico-reflexivos de duas ações sociais no meio onde está inserido.

Nesse sentido, o ensino da EJA busca a conscientização sócio cognitiva desse sujeito que torna-se ativo e não mero reprodutor do que está posto na sociedade, capaz de interagir como sujeito principal no processo de aprendizagem, com potencialidades de tornar-se um indivíduo auto gestativo nas tomadas de decisões cotidianas e do agir conforme demandas sociais do contexto em que está envolto.

Com isso, entende-se que o ensino destinado a EJA deve acontecer de forma diferenciada em relação ao ensino em seriação convencional no sistema de ensino brasileiro, portanto, uma proposta didático-pedagógica diferenciada e planejada conforme a realidade socioeconômica dos alunos dessa modalidade educacional, a exemplo de aulas dinamizadas com conteúdo discutido e construído pelos alunos, diferentemente, de um fazer pedagógico meramente mecânico e repetitivo.

Na EJA o educador deve proporcionar essa flexibilidade com os alunos sendo possível através de um planejamento coletivo e compartilhado, pois

o aluno adulto não pode ser tratado como uma criança cuja história de vida apenas começa. Ele quer ver a aplicação imediata do que esta aprendendo. Ao mesmo tempo, apresenta-se temeroso, sente-se ameaçado, precisa ser estimulado, criar autoestima pois a sua "ignorância" lhe traz tensão, angústia, complexo de inferioridade. Muitas vezes tem vergonha de falar de si, de sua moradia, de sua experiência frustrada da infância, principalmente em relação à escola. É preciso que tudo isso seja verbalizado e analisado. O primeiro direito do alfabetizando é o direito de se expressar. (GADOTTI; ROMÃO, 2007, p. 39)

Observa-se que, geralmente, as metodologias utilizadas para o ensino na EJA vivenciadas pelo muitos professores em diferentes disciplinas da EJA não se aproximam da realidade dos alunos da EJA, com propostas curriculares, pedagógicas e educacionais distantes da realidade dos jovens e adultos. Esta realidade é um desafio para muitos educadores no sentido de aprimorarem a qualificação do ensino na EJA, por meio de aprendizagens significativas e da construção de conhecimentos aplicados no seu dia a dia. Mas como os conteúdos relacionados às propostas de alfabetização de jovens e adultos contidos livros didáticos para a EJA, sobretudo o da alfabetização.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Como o livro de alfabetização trata os conteúdos direcionados a este público da sociedade que sofre um processo histórico de exclusão social. Será que os exercícios de reflexão acerca do conteúdo temático contribui para que jovens e adultos desenvolvam as capacidades leitura e escrita a serem utilizadas nas práticas da escrita cotidiana?

Partindo para o objeto de pesquisa percebe-se no livro didático da EJA ou, até mesmo, em alguns discursos de docentes da EJA, que o mesmo é considerado o manual básico para a aprendizagem desse público.

Ao observar livros didáticos da EJA enquanto professora da formação inicial verifica-se que os conteúdos didáticos a serem trabalhados com o público da EJA, percebe-se que, os mesmos, geralmente, não estão adequados a este público, uma vez que são pessoas “marcadas” por suas histórias de vida. Trazem consigo uma bagagem de experiências e, os textos, não condizem com a sua realidade de vida, tornando, assim, o seu aprendizado desestimulante.

As contribuições de Freire proporcionam um proceder pedagógico de cunho transformador que pode inspirar a elaboração de livros didáticos para a EJA ou, mesmo, orientar a prática pedagógica dos docentes dessa realidade educacional. Freire ressalta uma proposta de alfabetização com as histórias de vida do educando, considerando o ambiente onde está inserido e dele como parte da sala de aula, também, do livro didático. Assim, a aprendizagem do educando é mais valiosa pela qual o educando aprende com reflexão cognitiva e pragmática, mesmo que se encontre, muitas vezes, fora da faixa etária, mas percebe-se sujeito participante do processo de uma aprendizagem social, não meramente mecânicas.

Nesse sentido, ao observar o livro didático de alfabetização para a EJA vi o quanto é importante na formação inicial, pois a atuação do pedagogo não limita-se apenas a educação infantil, mas a educação de jovens e adultos. Portanto, esse tipo de atividade contribui na formação do docente da EJA, uma vez que se trata de públicos diferentes, no entanto, precisam do desenvolvimento das capacidades de leitura e de escrita, além do seu uso na vida cotidiana.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Nas atividades de observação do livro didático, percebeu-se uma distância entre a proposta de alfabetização pautada em Freire, da mesma forma, muito aquém da proposta sugerida pelas diretrizes curriculares para o ensino da EJA.

Este trabalho verificou os conteúdos e os exercícios propostos no livro didático de língua portuguesa para a EJA, referente à alfabetização da Coleção “É Bom Aprender”, autores: Cassia Garcia de Souza, Marinez Meneghello, Angela Passos. Dentre os conteúdos, abordou-se o capítulo III com a temática “De volta a Infância”, a princípio uma temática sugestiva a realidade do público. De modo geral, verificou-se que o livro focalizado propõe uma proposta de alfabetização fundada na aprendizagem da língua enquanto uso sócio comunicacional por tratar-se do letramento, contrariando os estudos da gramática pela gramática. Contudo, enquanto aspecto prático relacionado às atividades de compreensão textual, a proposta de alfabetização e da aprendizagem da língua com fins de usos sociais, tornam-se distantes dos educandos, isto sendo verificado com base, tanto das propostas curriculares para a EJA, quanto no enfoque teórico-metodológico apontado por Marcuschi (2001), sobretudo o que e como as atividades de compreensão textual propõe ao educando da EJA.

Esta organização didático-pedagógica destinado ao LDEJA e a formação de leitores e escritores limitam a capacidade de habilidades de uso da língua oral e escrita na vida cotidiana de jovens e adultos. Assim, ressalta-se alguns exercícios utilizados no tratamento pedagógico educacional ligados a temática “de volta a infância”, expondo suas tipologias e, possíveis, desenvolvimento de capacidades cognitivas no educando.

Esta pesquisa deu-se por meio de fontes bibliográficas em termos da literatura que trata da alfabetização na EJA, da leitura e da escrita, consultas em documentos oficiais, o livro didático da alfabetiza na EJA, parâmetros curriculares do primeiro segmento que enfatizam as competências e os conteúdos que devem ser abordados no livro didático da EJA.

LIVRO DIDÁTICO DE ALFABETIZAÇÃO NA EJA

O Plano Nacional Livro Didático EJA efetua regularmente a análise de diversos livros



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

didáticos para facilitar o trabalho do professor, sua escolha por parte das escolas e dos professores, bem como do material a ser utilizado, prescrito desta forma na

resolução nº 51, de 16 de setembro de 2009, regulamentou o Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos (PNLD EJA). Esse Programa distribuirá as obras didáticas para todas as escolas públicas que abrigam alunos jovens e adultos do 1º ao 9º ano do ensino fundamental, além das entidades parceiras do programa Brasil Alfabetizado. O surgimento do PNLD EJA dá continuidade as ações de avaliação de obras didáticas que vem sendo adotadas pelo estado brasileiro nas últimas décadas. (BRASIL, 2010, p. 13).

Percebe-se que esta resolução assegura aos alunos da escola brasileira que o livro seja confeccionado conforme regras da legislação, mas com o reconhecimento de que o alunado traz consigo uma linguagem do “conhecimento de mundo” que, se agrega aos adquiridos na vida social, conhecimentos científicos ensinados na escola, especificamente na sala de aula.

No que diz respeito à temática “de volta a infância” no livro observado, percebe-se que há uma tentativa de contextualização conforme o cotidiano dos educandos da EJA, tratada com cantigas, parlendas e rimas, contudo as cantigas não condizem com a realidade por eles experienciada, uma vez que são alunos marcados pelas dificuldades da vida que, muitas vezes, perderam a infância e o acesso a escolar pela necessidade de trabalharem para viver e ajudar no sustento da família.

Verifica-se que sua aprendizagem, muitas vezes, não é uma busca puramente científica, mas de conteúdos úteis à prática cotidiana, para eles a conquista do saber reflete um resultado prático ao sentirem-se autônomos nas práticas de leitura e escrita cotidiana, a exemplo de poderem ler a bíblia, assinar nome, ler uma bula, ir ao banco, etc.

Percebe-se que poderiam se recordar de algumas canções da infância, no entanto, não se pautar nelas para realizar o trabalho pedagógico, até mesmo porque, muitos dos alunos da EJA “não tiveram infância”, como mencionado anteriormente. Podendo ser proposto que os próprios alunos desenvolvessem suas rimas remetidas a sua infância, por exemplo.

Observa-se que as perguntas dos exercícios de compreensão textual trazem respostas prontas e de fácil compreensão que denota uma proposta de alfabetização infantilizada, partindo do método silábico com foco ascendente de leitura e escrita (sílabas, palavras, textos), fundado no modelo tradicional de alfabetização.

Percebe-se ainda que a estrutura organizacional do livro didático da EJA, apresenta



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

propostas didático-pedagógicas referentes, basicamente, ao objeto de ensino, portanto, compondo-se do conteúdo disciplinar, orientação metodológica destinada a educador e educando, a reflexão da avaliação da aprendizagem, na maioria das vezes, em forma de exercícios.

No livro observado, na maioria das vezes, estes exercícios referentes à compreensão textual são demarcados com verbos que exigem baixo empenho cognitivo dos educandos(as), tais como: complete, sublinhe, substitua, copie, reescreva, retire, releia, etc., cujos verbos de ação requerem um nível de compreensão passiva por parte do educando, pelo fato de o aluno responder sem utilizar capacidades mentais de inferência, hipóteses, raciocínio, pois a sua interpretação encontra-se na superfície sequência textual dada linguisticamente (MARCUSCHI, 2001).

Outro aspecto que pode comprometer o desenvolvimento cognitivo do aluno da EJA, são as tipologias de compreensão textual elaboradas com perguntas de fácil compreensão, através das quais os educandos (as) presume-se, facilmente, como e o que o educando vai responder. Este aspecto pode ser verificado no gênero textual cantiga de roda: “Terezinha de Jesus”, na página 45 do livro observado, em cuja proposta pedagógica de avaliação observa-se baixo empenho cognitivo do educando da EJA, apesar de possuir uma larga experiência de vida em relação aos tempos de criança, nos exemplos a seguir:

Ex 01: Você tinha o hábito de brincar de rodas quando criança? Em caso afirmativo diga

com quem costumava brincar.

Ex 02: Você conhece outras cantigas de rodas? Qual ou quais?

Ex 03: Observe no texto a escrita das últimas palavras de cada verso, ou seja, de cada linha da cantiga. Repare que alguns casos, as palavras terminam da mesma forma, veja o exemplo: **CHÃO E MÃO**. Encontre no final de outros versos da cantiga outras palavras que terminam com o mesmo som.

Nos exemplos acima pode-se verificar que estas questões apresentam fácil entendimento e exige do aluno estratégias de compreensão em níveis de identificação e de uma memória imediata, cujas estratégias debilitam as habilidades sócio cognitivas dos alunos aprendentes, pois se fossem exploradas com suposições inferenciais de contextualização e



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

problematização, poderia desenvolver ainda mais o raciocínio de jovens e adultos no decorrer do seu processo de escolarização e formação de sujeitos usuários da língua na solução de problemas cotidianos. Nesse sentido, Marchusci (2001) declara que

os exercícios de compreensão raramente levam a reflexões críticas sobre o texto e não permitem expansão ou construção de sentido, o que sugere a noção de que compreender é apenas identificar conteúdos. Esquece-se a ironia, a análise de intenções, a metáfora e outros aspectos relevantes nos processos de compreensão. (MARCHUSCHI, 2001, p.49)

Paulo Freire mostra através de seus próprios exemplos de transformação social enquanto educador e referência mundial, quando nos referimos a Educação de Jovens e Adultos-EJA, que o “melhor caminho para alfabetizar pessoas que já trazem consigo uma vasta bagagem de experiência, como é o caso desses alunos da EJA, é através do próprio ambiente o qual eles estão inseridos, como nos diz através de sua escrita no *livro Pedagogia da Autonomia*.

Porque não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Porque não estabelecer uma necessária "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Porque não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes das áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada que ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos. (FREIRE, 1996, p. 16).

Além desse aspecto, o livro focalizado apresenta textos pequenos descontextualizado da vida real, sendo “até fácil perceber que os exercícios de compreensão dos livros didáticos falham em vários aspectos e não atingem seus objetivos. Principalmente, devido a uma errônea noção de compreensão textual como simples decodificação.” (MARCUSCHI, p.55). Ao tomar como base a observação realizada no PNLD 2010, acerca do livro focalizado observa-se que, o colocado neste veículo, não condiz com a real proposta encontrada.

No que se refere ao Letramento e Linguística destaca-se o desenvolvimento de uma proposta consistente nos eixos didáticos do ensino da língua (leitura, produção, oralidade e análise linguística). As atividades e exercícios propostos neste componente curricular apresentam tipologias diversificadas, evitando repetições. Há



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

um nítido direcionamento do aluno para a aprendizagem a partir de situações investigativas. O aluno é desafiado a realizar pesquisas a partir da problematização, observação, experimentação, análise, comparação, interpretação, discussão de resultados, síntese, registros, comunicação e avaliação. Há orientações claras para que o aluno realiza pesquisa em jornais, cadernos de receitas e outros diferentes suportes, ainda que não indique estudos em espaços extraclasse (museus, centros de ciências, universidades, centros de pesquisa e outros). (Ibid, p. 120)

As atividades apresentam perguntas que exigem respostas óbvias, não levando o aluno a refletir sobre a questão estudada, nem tampouco estimulam a criatividade do aluno, atividades estas que valorizam a descoberta do aluno e não a sua aprendizagem.

o vocabulário, por exemplo é quase sempre proposto numa definição ou explicação por sinônimo (ou antonímia), esquecendo-se outros aspectos de funcionamento, tais como metafórico, o figurado e, em especial a significação situada. (MARCUSCHI, 2001, p.47).

Nesse sentido, percebe-se que o Livro Didático da EJA traz proposta vocabular não condizente o uso linguístico cotidiano dos jovens e adultos, prevalecendo o método tradicional do ensino lexical da língua. Sabe-se que *“até há pouco, pensava-se que as habilidades básicas no uso da língua limitava-se a falar-ouvir, ler-escrever, mas hoje se sabe que isso não é suficiente. Precisamos aprender a ver e representar, bem como interpolar algo entre a fala e a escrita”* (MARCUSCHI, p.49). Cabe ressaltar também que a Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos em seu vol. 2, na página 17 mostra que,

a análise linguística implica muito mais do que o estudo da gramática, pois as reflexões produzidas pelos estudos gramaticais se detêm na frase, e não no texto. E a extensão de um texto pode variar muito, em função de suas características de gênero e do suporte em que esse texto circula – variando de uma ou poucas palavras de um cartaz publicitário, aos sucessivos capítulos de um romance.

Reforçando, desta forma à afirmação de que o livro didático analisado não apresenta uma proposta que venha a condizer com saberes atuais destinados ao desenvolvimento pleno do aluno, ou seja, todas as suas capacidades de escuta, fala, leitura e escrita e, não somente, a leitura do texto pelo texto, da palavra pela palavra, e, portanto, única e, exclusivamente, o estudo da gramática. Assim,

o aluno deve perceber que a língua é um instrumento vivo, dinâmico, facilitador, com a qual é possível participar ativa e essencialmente da construção da mensagem de qualquer texto. As experiências conseguidas pela escuta e leitura de textos, bem como pelo exercício frequente de expressar idéias oralmente e por escrito, são grandes fontes de energia a impulsionar novas descobertas e a elaboração e difusão de conhecimento. Um texto, como a decifração de qualquer ato de comunicação, é,



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

antes de tudo, uma prática social que se dá na interação com o outro. Conscientizar o aluno da EJA desse processo, tarefa da área de Língua Portuguesa, é estabelecer a cumplicidade entre ele e a palavra. (BRASIL, 2001, p.12).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto constata-se que o livro didático na escola é muito importante, apesar de não servir como a única base para se desenvolver planos de aula, estudos de conteúdo em sala de aula, mas constitui como um norte para o educador e, também, para o desenvolvimento sócio cognitivo do educando no desenvolvimento das atividades, dentro e fora de sala de aula. Em sentido mais específico, o livro didático da alfabetização para a EJA se distancia das propostas contidas nas Diretrizes Curriculares par a EJA, dos estudos teórico-metodológicos da alfabetização freireiana, assim, como de estudos teóricos acerca da língua em uso nas práticas sociais de leitura e escrita, conforme apontado por Marchusci (2001).

Esta constatação implica em saber que os alunos da EJA, apesar de trazerem consigo, aprendizagens relacionadas às suas experiências e histórias de vida não são consideradas como fonte de aprendizado. Esta negligência afeta o interesse e as expectativas de desenvolvimento sócio cognitivo dos jovens e adultos que, muitas vezes, os impedem de continuarem estudando, ou mesmo, contribuem para entravar a melhoria da EJA em sua aplicação na rede ensino.

Apesar de o PNLD proporcionar aos gestores e aos professores a liberdade da escolha do livro didático, sabe-se que, infelizmente ainda existe uma cultura escolarizada em muitas escolas de adotar o livro didático sem consulta prévia, muitas vezes, por questões hierárquicas na escola ou por influencias de editoras. Nesse aspecto, entende-se que esta é uma questão mais político-ideológica que retrata as propostas da educação respaldada pela classe dominante, como afirma Freire.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental.** Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série: introdução/Secretaria de Educação Fundamental, 2002.

_____, Ministério da Educação. **Guia de livros didáticos: PNLD 2011: EJA/Ministério da Educação.** – Brasília: MEC; SECAD, 2010. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/guia-do-livro/item/512-guia-pnld-2011-educac%C3%A7%C3%A3o-de-jovens-e-adultos>, Acessado em 27 Fev. 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa.** Editora Paz e Terra. Coleção Saberes. 1996 36ª Edição. P.16

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta.** 9. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **O livro Didático de Português: múltiplos olhares/**Organizadoras: Ângela Paiva Dionísio, Maria Auxiliadora Bezerra. - Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

SOUZA, Cassia Les Garcia de; MEGHELLO, Marinez; PASSOS, Angela. **É bom aprender Letramento Alfabetização Linguística e Matemática: Educação de Jovens e Adultos – EJA,** 1 ed. Volume único, São Paulo, FTD, 2009, P.44-45.